

Provas de Avaliação de Capacidade para a Frequência dos Cursos Superiores da  
Escola Superior de Educação de Coimbra dos Maiores de 23 Anos  
Ano Letivo 2025/2026

---

CURSO(S)\_  
**TEATRO E EDUCAÇÃO**

ESPECÍFICA\_  
**TEATRO**

---

**CONTEÚDOS\_**

A prova específica de Teatro compreende as seguintes componentes:

A - Improvisação a partir de temas sugeridos pelo júri, visando avaliar a capacidade do candidato para responder sem preparação prévia a propostas de jogo teatral, a sua capacidade de relacionamento com os outros, com o espaço e com os objetos, a imaginação, a capacidade de transformar o real em ficção.

B - Apresentação de uma cena dialogada (Diálogo), selecionada pelo júri, visando avaliar a forma como o candidato aborda a personagem, o domínio do texto, a sua capacidade vocal, a expressividade corporal, a verdade interior e a contracena.

C - Apresentação de um monólogo, selecionado pelo júri, visando avaliar a forma como o candidato aborda a personagem, o domínio do texto, a capacidade vocal, a expressividade corporal e a verdade interior.

D - Entrevista em que será avaliada a cultura teatral do candidato a partir de questões dramáticas suscitadas quer pelos textos selecionados pelo júri para a prova prática, quer pela restante bibliografia recomendada.

---

---

Leitura obrigatória

BIBLIOGRAFIA\_.

Rodrigues, T. (2024). *Catarina e a Beleza de Matar Fascistas*. Tinta da China

Consultar Documento em anexo

---

## PROVA: Monólogo

### Cena 12 (Texto adaptado)

(...) Vou apresentar-te um enigma. Não é um enigma. É um dilema. Hoje é um dia especial. É um dilema. A diferença? Um enigma só tem uma resposta certa. O dilema não tem resposta certa nem errada. Tem escolhas. A resposta é o que a tua consciência ditar. Toma atenção. (...). Isto é uma linha de comboio. Aqui está a tua aldeia, onde sempre viveste, onde está a tua família, todas as pessoas que conheces, o teu mundo. Fora da aldeia, aqui, há uma casa isolada no meio do campo. Nessa casa, está a tua mãe. Não faças essa cara! O dilema é assim, não fui eu que o inventei. Eu sei, era mais fácil se não fosse a tua mãe. Se fosse um inimigo, alguém que odeias, um fascista, um cúmplice do assassinato de uma mulher. Estás a ver onde quero chegar, não estás? Pois. A escolha era mais fácil. Mas esse não é o nosso dilema. Portanto, aqui está a tua mãe, sempre com mau feitio, mas é a tua mãe e ama-te mais do que tudo. Ela está dentro de casa. Trancada. Não pode sair. (...) Então, tens a aldeia com toda a gente que conheces neste mundo e tens a casa isolada no meio do campo onde está a tua mãe (...). A linha de comboio vem por aqui fora, atravessando a planície. A certa altura, há uma bifurcação com uma daquelas alavancas que aparecem nos filmes mudos. Conforme a posição da alavanca, o comboio pode ir para um lado ou para o outro. Ou vai para a aldeia ou vai para a casa isolada no meio do campo. (...) Acabas de descobrir (...) que há um comboio que se está a aproximar a grande velocidade, descontrolado, fazendo faiscar os carris. Se for na direção da aldeia, o comboio vai descarrilar e mata centenas de pessoas. Se for na direção da casa, também descarrila, mas mata apenas a tua mãe (...). O que fazes? Qual é o teu descarrilamento preferido? Tens a mão na alavanca. Não há ninguém à volta. Não podes pedir ajuda, não podes pedir conselhos. O que fazes?

Cena 7

*Isabel está com António. Bebem.*

ISABEL – A culpa é minha. Fui eu que não a soube educar. Exigi demasiado dela. Não exigi o suficiente. Fiz alguma coisa e ela está a fazer isto para se vingar. Quer magoar-me. Está a fazer isto para me ferir. Tem medo e eu não sei dar-lhe coragem. Não tem medo suficiente. Não soube ensinar-lhe a importância de matar. Não soube ensinar-lhe a respeitar a tradição. Onde é que eu errei? Eu não errei. Errei, sim. Erraste. A culpa é tua. Toma. É bem feita. Julgas que mandas em todos, que sabes o que é melhor para todos. Julgas que és o espírito da resistência, a líder. Toma. Tu, a mais forte, a mais determinada, a melhor. Toma. Criaste uma filha que trai a família, que trai a luta, que te trai a ti. E a culpa é tua. Aguenta. Uma filha traidora. Não sei se aguento. Aguenta. A culpa é minha, a culpa é minha, a culpa é minha. Não é?

ANTÓNIO – É lá agora culpa tua. Não é culpa de ninguém. É o mundo girando nos dedos traquinas dos deuses. Eles gostam de nos confundir. Todas nós temos dúvidas, de vez em quando.

ISABEL – Eu não.

ANTÓNIO – Pois então, olha, talvez esta novidade te surpreenda: nós, simples mortais, temos dúvidas.

ISABEL – Tu alguma vez tiveste dúvidas, Catarina, meu tio?

ANTÓNIO – Tantas vezes. E ainda tenho.

ISABEL – Mas estás aqui.

ANTÓNIO – A tua Catarina também está. E continuará a estar. Dá-lhe uma ou duas horas para se acalmar. Ela volta ao ninho. As dúvidas são como rosas. Devemos pô-las em água. Cuidá-las. E um dia espalham perfume. Perfume a coragem. Até a tua avó, a primeira de nós, teve dúvidas. Eu devia ter uns dez, onze anitos. Já viste as fotos dessa altura... Eu era uma Catarina enfezada como uma erva daninha, de calções, pernas que pareciam palitos, passava-se fome.

Pendurei-me num sobreiro. Espreitei por esta janela e vi o fascista chorar. E por trás dele, vertical, galharda, mas duvidosa, a minha mãe, tua avó. E ela também chorava.

ISABEL – Mas matou.

ANTÓNIO – Sim. Matou. Chorando. *(O telefone de António toca)* É o meu.

ISABEL – Devia estar desligado.

ANTÓNIO – Estava à espera deste telefonema.

ISABEL – Achas mesmo que ela vai ser capaz?

ANTÓNIO – Tenho de atender. É importante.

ISABEL – O que é?

ANTÓNIO – São rosas.